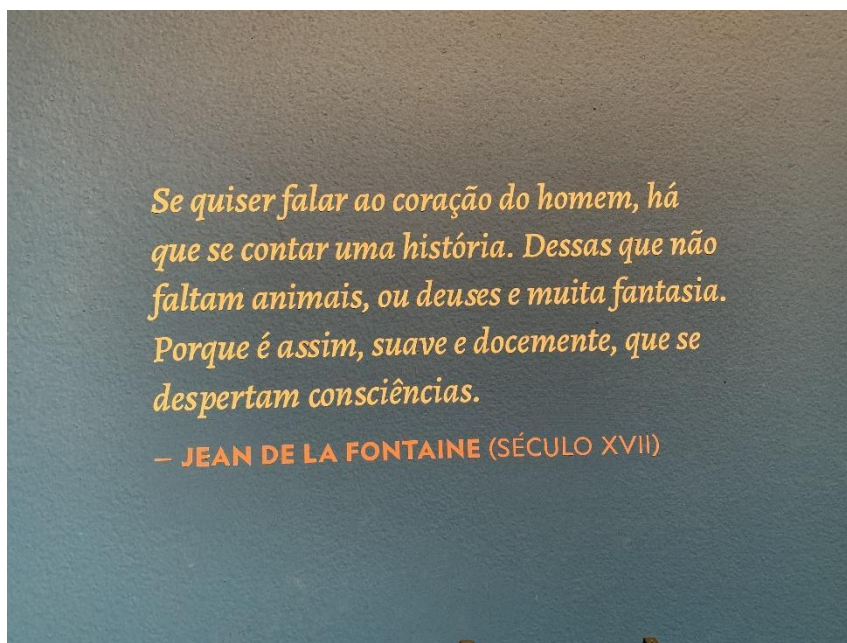


Júlia Da Silva Lima (UERJ)

## **SÓ O ENCONTRO ME INTERESSA, AFINAL, É NO ENCONTRO QUE NOSSA EXISTÊNCIA FAZ SENTIDO**

**D**esde a nossa primeira fase de vida estamos acostumados a ouvir/contar histórias, inicialmente, somos embalados pelas fábulas e contos que proporcionam o deleite de fantasiar e imaginar... Eles nos dão a capacidade de nos adaptar ao cotidiano de nossas vidas e cocriar com ou a partir delas. Simbolicamente, a narrativa é a possibilidade de navegar num território desconhecido, ou ainda não conhecido, ou no já conhecido mas não totalmente, e no momento em que se apresentada, mobiliza e afeta o sujeito como um todo.



*Fonte: Acervo pessoal da autora capturada na exposição revolução pelo afeto de Nise da Silveira.*

O meu primeiro contato "autônomo" com a literatura foi no fundamental II, quando era realizado o processo de aprendizagem com o auxílio dos livros didáticos, cada obra era uma imersão prazerosa que ficou na memória, até hoje, lembro-me bem de obras clássicas como a metamorfose de Kafka, o cortiço de Aluísio Azevedo, Hamlet de Shakespeare, entre outros. No ensino médio, houve um hiato desse mergulho literário, e só volto a tatear a leitura num momento posterior à escola que se dá quando inicio a preparação para o vestibular.

Moro em uma comunidade do Rio de Janeiro, chamada Maré e aqui há uma Associação intitulada de Redes de desenvolvimento da maré, é uma organização que atua em prol da comunidade, e no segmento educativo é oferecido o pré-vestibular aos moradores que foi o qual eu participei e restaurei a minha prática como leitora. A professora Teresa responsável pela disciplina de redação, propôs que toda semana cada estudante ficasse encarregado de trazer uma história ou pelo menos parte dela para partilhar na aula, sendo assim, essa dinâmica tanto os levou a compartilhar as histórias já conhecidas por eles quanto impulsionou a buscar outras e a professora em si, dava muitas contribuições. Uma história jamais esquecida e que impactou muito e de forma unânime foi o conto Maria da Conceição Evaristo que integra a obra olhos d'água da autora e que essa exposição do cotidiano de mulheres que sofrem com a miséria e a exclusão social nos impactou bastante pois tem proximidade com a realidade desigual de nosso país. A professora sempre buscava fazer algum provocamento, colocando em pauta e fazendo-nos pensar sobre e com as questões sociais, foi através dela que conheci autoras como citei acima Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Ngozi Adichie etc.

O estar com o outro cotidianamente nas diversas redes educativas que formamos e as quais nos formam permite a partilha e experimentação das múltiplas formas de *'verouvirsentirpensar'* o

mundo. Considerando Krenak, pensador indígena, que em uma de suas eloquentes falas nos provoca sobre a efetividade do encontro e a experiência com o mesmo, indicando que a junção de seres não se restringe apenas ao encontro interpessoal, só entre pessoas, mas entre povos e culturas emergindo a ebulição das subjetividades mais latentes, que no pensamento dele é provocado por afetar uma ideia de sujeito que quer viver a experiência de um sujeito coletivo.

Tendo em vista, que a afetação ao mesmo tempo que é plural também é singular, isto é, o que pode atravessar a todos, não necessariamente toca um sujeito da mesma forma que toca com o outro , sobretudo, com isso, podemos dimensionar o poder das narrativas que acredito que têm muito mais força do que a teoria porque ao tentar convencer uma pessoa, se você conta uma história aquilo fica com ela.

### **Referências:**

Participação de **Ailton Krenak** no seminário Perspectivas anticoloniais: <https://youtu.be/2tjX2VodDYs>

### **Sobre a autora:**

**Júlia Lima** é graduanda do curso de letras inglês/literaturas na UERJ-MARACANÃ e integra o GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons.